



Calígula morreu. Eu não



O Teatro Nacional D. Maria II acolhe esta coprodução hispano-portuguesa com o Centro Dramático Nacional de Espanha baseada no texto de Albert Camus.

Calígula morreu. Eu não

- De terça a sábado às 19h00 e domingo às 16h00.
- Espetáculo interpretado em português, castelhano e Língua Gestual Portuguesa, com legendas em português.

Uma companhia de teatro retirada volta à escena para representar uma adaptação de Calígula de Camus. O diretor da obra, Jesús (Jesús Vidal), tem sonhado que se suicidava e tem se replanteado a sua existência. A estreia do espetáculo passará a ser de repente o seu objetivo vital, o absoluto, a lua. Mas seu apetite de unidade e ordem não encaixa com a irredutibilidade desde mundo a um princípio racional, nem com a diversidade que existe na sua própria companhia de teatro...

Pode tratar-se o despotismo de várias formas. São também muitas as possibilidades de o erradicar. Mas, na verdade, o despotismo é um vírus que se espalha desenfreadamente e sobre o qual não se tem nenhum controlo. Funciona como um enorme incêndio que se propaga rapidamente e transforma tudo em cinza.

Em Calígula morreu. Eu não, por um lado, pensa-se na ação despótica como um impulso. Um impulso cíclico que responde a uma necessidade de libertação, de esvaziamento, de autossatisfação. Por outro lado, tenta-se agir no sentido de erradicar esse mesmo despotismo. A proposta é a de resolver uma situação ficcional, recorrendo a outra situação ficcional. Calígula não morreu! É preciso perceber porquê. É preciso revistar a história,

ARTES CÉNICAS
LISBOA

sex, junho 25 – domingo, julho
04, 2021
00:00 – 00:00

Foro

Teatro Nacional D. Maria II, Praça Dom
Pedro IV, 1100-201 Lisboa

Entradas

[Comprar bilhetes](#) (9-16€)

Mais informações

[Teatro Nacional D. Maria II](#)

Créditos

Organizado pelo Teatro Nacional D.
Maria II em coprodução com o Centro
Dramático Nacional com o patrocínio da
Embaixada de Espanha. Fotografia:
Centro Dramático Nacional



voltar a contá-la, entender onde errámos e tentar que ele finalmente morra.

Para isso, Marco Paiva, com texto de Cláudia Cedó, dirige um elenco que reúne intérpretes com e sem deficiência, como Ángela Ibáñez, André Ferreira, Fernando Lapeña, Jesús Vidal, Luís Garcia, Maite Brik, Paulo Azevedo e Rui Fonseca, num espetáculo composto por uma equipa mista, portuguesa e espanhola, que junta dois teatros nacionais da península, o D. Maria II e o Centro Dramático Nacional de Madrid.